

# Abordagens em música

Impossível pensar a vida sem música! Desde o som do seu despertador logo de manhã até o silêncio antes de dormir, são muitos os sons e as melodias que nos acompanham e embalam ao longo do dia. Neste capítulo, vamos tratar de algumas referências do ensino de música para a arte-educação, introduzindo o professor em um universo amplo e rico.

O método Dalcroze é um dos mais difundidos de educação musical, e suas inovações permitem o desenvolvimento não somente de habilidades auditivas, mas também de corpo, ouvido e pensamento. A

música permite uma organização dos movimentos, o que levou Émile Jaques-Dalcroze a ser, também, um dos criadores da ginástica rítmica.

Da mesma forma, o método Schafer influenciou toda uma geração de arte-educadores, propondo uma nova atenção para as paisagens sonoras. No capítulo 8 deste livro, voltado para a musicalização infantil, abordaremos o método Suzuki, completando assim as principais ferramentas de educação musical.

Uma forma lúdica de trabalhar a música é por meio da percussão corporal ou música corpórea, sobre a qual também trata este capítulo, que fecha com uma seleção de filmes que podem ser utilizados tanto para discussões em sala de aula, em uma abordagem interdisciplinar envolvendo ciências sociais, arte e humanidades, quanto para ampliar os conhecimentos sobre o universo da música.

## 1 O que é música?

De uma maneira intuitiva, todo mundo sabe o que é música. Trata-se de uma das primeiras manifestações artísticas com as quais a criança tem contato, por meio das canções de ninar e das brincadeiras infantis. Antropologicamente, não se conhece nenhuma cultura sem música. Ela está presente nas mais diversas atividades: no transporte urbano, nas atividades físicas, nas festas, nas cerimônias religiosas, no cantarolar durante as atividades diárias, nas campanhas políticas, em outras artes e até nos funerais.

Em termos artísticos, música é uma forma de distribuir sons e silêncios com ritmo ao longo do tempo. É uma linguagem que utiliza voz e instrumentos para expressar algo ou transmitir emoções. A música chega aos nossos ouvidos pelas ondas sonoras, cujos sons podem variar em altura, duração, intensidade e timbre. A sequência de ritmos forma melodias.



## IMPORTANTE

### Sons, silêncios e música

Para entender melhor o que é música, é preciso saber que um som tem as seguintes características:

- **Altura:** é a forma como o ouvido humano percebe os sons. As frequências mais baixas são conhecidas como "graves", e as mais altas, como "agudas".
- **Intensidade:** é o nível da pressão sonora, o volume do som. Repare que, diferentemente do uso no senso comum, alto ou baixo são características da altura, não da intensidade.
- **Timbre:** é a "cor" do som. Ondas de uma mesma frequência soam diferentes se produzidas por fontes diferentes, como um piano ou um violino.
- **Duração:** é o tempo que dura cada nota. Na música ocidental, há um sistema de notação próprio para os sons e as pausas que determinam o andamento e o ritmo de uma música.
- **Ritmo:** é a repetição constante de certos padrões sonoros, indicando os diferentes tipos de música.
- **Melodia:** é a sequência dos sons e pausas, de diferentes durações, que formam a música.

---

A música tem uma longa história e, em geral, é composta de gêneros divididos em popular, tradicional, folclórico e erudito. É possível encontrar na natureza manifestações que se assemelham à música, como o canto dos pássaros, mas a música é uma atividade artística humana, pois estabelece um diálogo entre quem a compõe ou executa e quem a ouve. É, portanto, um gesto intencional e comunicativo, não aleatório ou espontâneo. Essa distinção é importante, no trabalho com arte-educação, para distinguir a música de outras manifestações, localizando-a em seu contexto histórico, cultural e social.

Conforme vimos em capítulos anteriores, a música é uma das artes mais antigas a serem usadas na educação, sendo parte da formação

na *paideia* grega, no quadrívio e no trívio da Idade Média, além de estar presente nos currículos das primeiras universidades e, como veremos no capítulo 8, ser parte fundamental da educação infantil.

Da mesma forma, a música é indissociável do teatro, da dança, da performance e do audiovisual, entre outras manifestações artísticas. Até nas artes plásticas a música tem participação, seja como tema de pinturas e esculturas, seja como objeto de arte sonora, como na instalação *The forty part motet*, de Janet Cardiff, que reproduz, em 40 canais de áudios, as vozes de um coro, com cada caixa de som correspondendo à voz de um dos cantores.

**Figura 1 – Instalação sonora *The forty part motet*, de Janet Cardiff**



Fonte: Poirier (2009).



## PARA PENSAR

### 4'33"

Uma música sem som, seria possível isso? É o que fez o compositor e maestro John Cage, em 1952. A obra 4'33" apresenta, ao todo, quatro minutos e 33 segundos de silêncio, sem que nenhuma nota musical seja executada. Não se trata, porém, de simplesmente não fazer nada. A partitura apresenta três movimentos como um concerto clássico, com movimentações do regente e dos músicos, mas contendo apenas pausas. Com isso, todos os ruídos da sala (o ranger das cadeiras, pessoas tossindo, os músicos virando as páginas etc.) ganham destaque. É uma obra provocativa, conceitual, que destaca a importância do silêncio na música e na vida, pois as pausas são tão necessárias quanto os sons.

O que você acha dessa obra? Chamaria também de música? Proponha a seus alunos alternativas para "escutar o silêncio".

## 2 O método Dalcroze

O sistema de ensino de música criado por Émile Jaques-Dalcroze é um dos mais difundidos no mundo desde a década de 1930. Precursor dos métodos ativos de educação musical, Dalcroze influenciou toda uma geração de músicos na primeira metade do século XX. Nascido em Viena, na Áustria, ele se mudou com a família para Genebra, na Suíça, aos 10 anos e, depois, para Paris, na França, aos 27 anos de idade. Essas cidades marcaram significativamente a formação de Dalcroze.

Em Viena, viveu a efervescência cultural da cidade no final do século XIX, conforme relatam Carl Schorske, no livro *Viena fin-de-siècle* (1988), e Theodor Adorno, em *Filosofia da nova música* (1974). Na Suíça, frequentou o Conservatório de Música de Genebra, formando-se aos 18 anos e tornando-se professor uma década depois. Em Paris, teve aulas de declamação e dicção, o que o fez se interessar por teatro. Depois de morar nessas cidades, foi para a Argélia dar aulas no Conservatório de

Argel, onde teve contato com a música árabe, que segue um sistema de divisão dos sons diferente do ocidental.

A inovação do método Dalcroze consiste em pensar a música como uma atividade ao mesmo tempo cerebral e corpórea. Ele notou que alguns alunos eram dotados de uma audição interior; por algum motivo, tinham ouvido musical. Para esses, o uso do piano como suporte poderia ser dispensável. No entanto, para a maioria das pessoas, era preciso desenvolver a mente e o corpo simultaneamente. Dessa forma, o método Dalcroze consiste em coordenar olhos, ouvidos, mente e corpo – que deveria ser o primeiro instrumento musical a ser treinado. Assim, Dalcroze criou exercícios para medir os intervalos, perceber a altura dos sons, escutar e entender as harmonias, visando criar entre o cérebro, o ouvido e a laringe uma ginástica para o sistema nervoso, para que os corpos, como um todo, fossem dominados pelo ouvido interior.

É essa a base da ginástica rítmica, a euritmia, fundamentada no balé e no teatro e que, posteriormente, foi reconhecida como uma modalidade esportiva olímpica. A ginástica rítmica de Dalcroze foi aperfeiçoada por seu aluno Rudolf Bode e pela bailarina Isadora Duncan. No método Dalcroze, os movimentos se alinham com a conduta musical, constituindo-se, portanto, em uma forma corporal de apreensão da música. Com a capacidade expressiva do piano, o aluno é incentivado a responder aos sons espontaneamente, com o corpo, o ouvido e o cérebro.

### **3 Schafer: o ouvido pensante e as paisagens sonoras**

Depois de Dalcroze, Murray Schafer é o autor que mais inovou no ensino da música. No livro *O ouvido pensante* (1991), publicado em 1983, no Canadá, o autor defende que as paisagens sonoras podem ser um novo modo de ouvir e compreender o universo sonoro. Não se trata

de um livro de teoria musical, mas de um compêndio de experiências em sala de aula com diferentes grupos.

Em vez de focar o ensino de notas e ritmos musicais, Schafer parte do processo criativo na música, abordagem que chamou de "o compositor na sala de aula". Para ele, é preciso limpar os ouvidos e expandir os conceitos de ruído, silêncio, som, timbre e melodia, contextualizando-os com a sociedade contemporânea. Além disso, propõe uma nova paisagem sonora, indisciplinar, unindo música com geografia, sociologia, comunicação e história.

O termo "paisagem sonora" foi criado por um grupo de pesquisa da Universidade Simon Fraser, no Canadá, liderado por Schafer, no final da década de 1960. O termo original é "*soundscape*", neologismo formado pela junção das palavras "*sound*" (som) e "*landscape*" (paisagem). Schafer (1991, p. 23) define paisagem sonora como "[...] qualquer estudo de campo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou até mesmo a um ambiente acústico."

Schafer divide o som em três tipos: sons da natureza, sons de comunicação (provenientes de fontes utilizadas para a comunicação pelo ser humano, inclusive a voz) e sons residuais (aqueles que consideramos incômodos, ruídos). Há também os sons ambíguos. No World Soundscape Project, um estudo mundial de ecologia acústica, Schafer mapeia paisagens sonoras ao redor do mundo.

Se pensarmos que a maioria das escolas no Brasil, especialmente as da rede pública, não possui espaços para o ensino de música, trabalhar com a abordagem de Schafer apresenta alguns benefícios. A princípio, ela prescinde de instrumentos musicais. Além disso, não é voltada para o entretenimento ou a formação de músicos, mas sim para a educação do ouvido na percepção dos sons, para qualquer aluno. A ideia é aprimorar a percepção dos sons que nos cercam, tornando mais rica a relação com eles, o que é realmente significativo em cidades grandes, com muita poluição sonora.

Jamais falo de notação no início. Quando eventualmente surge o tema, deixo que a classe lute um pouco com ele. A essa altura já estão compondo peças, que podem ser vocais ou concebidas para instrumentos simples de percussão. Como em geral os alunos trabalham em grupos menores, podem conduzir esses pequenos exercícios discutindo antes o que pretendem fazer. (SCHAFER, 1991, p. 309)

Para o arte-educador, essa abordagem faz do professor o condutor dos processos de identificação de sons. A partir de então, ele pode introduzir noções como altura, timbre, intensidade e ritmo. Pode, ainda, trabalhar com a manipulação de diferentes materiais e verificar os sons que eles produzem. Com isso, o repertório de sons dos alunos é ampliado. A percepção de paisagens sonoras por meio da observação em silêncio é outra possibilidade. Sem a necessidade de aprender teoria musical, os alunos podem improvisar e se dedicar a criações musicais a partir dos sons identificados.

## 4 Música corpórea

A música corpórea, ou percussão corporal, é uma forma de produzir sons e melodias apenas com o corpo humano, sem uso de instrumentos. Batidas no peito ou em outras partes do corpo, estalos de dedos, palmas, sapateado, sons produzidos com a boca, *beatbox*, imitações e quaisquer outras formas de produzir sons podem ser empregadas.

Há muitas maneiras de fazer música corpórea, as quais podem ser associadas a culturas específicas, abrindo para o arte-educador a possibilidade de trabalhar interdisciplinarmente. O *beatbox*, por exemplo, é característico da cultura *hip hop*, servindo de mote para tratar questões como a produção de música na periferia, o racismo e a poesia. O grupo inglês Stomp une percussão corporal com instrumentos não convencionais, como latas e baldes. Os usos do corpo pelo Stomp revelam



diferentes timbres e são acompanhados por batidas dos pés no chão e palmas.

No Brasil, há muitos grupos que se especializaram nessa arte. Com quase 30 anos de existência, o Barbatuques já se apresentou em mais de 15 países. O grupo Fritos, por sua vez, propõe uma abordagem que aproxima a arte-educação da percussão corporal, promovendo treinos de rítmica, montagem de melodias e jogos de improvisação. De acordo com o arte-educador Pedro Consorte (2012, [n. p.]), fundador do grupo:

A percussão corporal é uma prática que pode ser utilizada, entre outras finalidades, como recurso sonoro e musical. Nos últimos 10 anos, mais atenção voltou-se para os tipos de técnica existentes e para os ainda em desenvolvimento. Em várias culturas, podemos observar a presença da percussão corporal como recurso sonoro e musical. Em cada lugar, ela é desenvolvida dentro de um estilo e, conforme analisamos seu tipo de técnica e nível de complexidade, podemos até identificar diálogos com o respectivo contexto cultural. A percussão, de modo geral, é uma prática bastante associada a culturas populares e a percussão do corpo acompanha este mesmo trajeto. Em atividades de cultura popular, dança e música trabalham quase sempre juntas, e nesses ambientes podemos encontrar vários tipos de percussão corporal.

O *gumboot* é um estilo de dança e música corporal criado por mineiros africanos no século XIX, que eram obrigados a usar batidas nas botas para se comunicar, pois falavam diferentes línguas. Os integrantes do grupo Gumboot Dance Brasil utilizam esse estilo para desenvolver performances nas quais usam macacões e capacetes. Para o arte-educador, essa é uma oportunidade de tratar de diversidade cultural em uma aula de dança, música e história.



## PARA SABER MAIS

### Veja, ouça e dance

Há muitos grupos de música corporal ativos na internet. Os nomes relacionados abaixo são alguns exemplos que podem ser utilizados nas aulas de arte-educação:

- Barbatuques.
- International Body Music Festival.
- Fernandinho Beat Box.
- Fritos – Grupo de Estudos de Música Corporal.
- Gumboot Dance Brasil.
- Stomp.

---

## 5 Estudos de caso: metodologias aplicadas no ensino da música

O arte-educador generalista sem formação em música pode encontrar dificuldade para criar metodologias aplicáveis na educação musical. Nesse caso, o cinema fornece um material rico que ilustra e problematiza questões desse universo. Uma sessão de filme seguida de debate pode trazer bons resultados. Apresentamos, a seguir, algumas sugestões:

- *Uma nota só* (2012), de Laís Bodanzky, mostra ruas e becos, podendo ser o mote para as ideias de paisagem sonora de Schafer.
- *Pare, olhe, escute* (2013), de Kátia Lund, é um filme que se passa na pequena cidade de Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro, e mostra os resultados do projeto Música nas Escolas, promovido pela prefeitura da cidade. Com sensibilidade, o documentário revela a rotina de jovens músicos e a realização do sonho de sair

em turnê com a orquestra da cidade pelas principais salas de música do Brasil, acompanhados da pianista Simone Leitão.

- *O som ao redor* (2012), de Kleber Mendonça Filho, conta a história dos moradores de uma rua de classe média no Recife que têm a rotina alterada após a contratação de uma empresa de segurança. O arte-educador pode analisar o filme a partir da abordagem de paisagens sonoras de Schafer.
- *Tudo que aprendemos juntos* (2015), de Sérgio Machado, com Lázaro Ramos, mostra a trajetória de Laerte, um excelente violinista que, após falhar em um teste para a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, decide dar aulas de música para adolescentes em situação de vulnerabilidade social na comunidade de Heliópolis.

## Considerações finais

Assim como nos demais capítulos, incentivamos os arte-educadores a desenvolver metodologias próprias a partir dos subsídios fornecidos. Só assim as ideias e os casos apresentados poderão se adequar a diferentes realidades e objetivos. Para o ensino de instrumentos e canto ou uma formação profissional, é necessário um professor com formação específica, mas não é preciso ser especialista para trabalhar com música em sala de aula ou utilizá-la em atividades didáticas e pedagógicas. Um arte-educador generalista pode até mesmo iniciar o processo de musicalização, não devendo ter medo de explorar esse universo tão rico e instigante.

## Referências

ADORNO, T. W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CONSORTE, P. A percussão corporal como recurso musical. **Grupo Fritos**, [s. l.], [n. p.], 20 abr. 2012. Disponível em: <https://fritosbr.wordpress.com/2012/04/20/a-percussao-corporal-como-recurso-musical-2/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CUNHA, D. S. S.; GOMES, E. D. **Música na escola?** Reflexões e possibilidades. Guarapuava, PR: Unicentro, 2012.

O SOM ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. [S. l.]: Hubert Bals Fund; CinemaScópio, 2012. 1 DVD (131 min).

PARE, olhe, escute. Direção: Kátia Lund. Produção: Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. [S. l.]: Buriti Filmes, 2013. 1 vídeo (52 min). Publicado pelo canal katia Lund. Disponível em: <https://vimeo.com/175877690>. Acesso em: 12 set. 2022.

POIRRIER, J. E. M. D. "The Forty Part Motet by Janet Cardiff" by jepoirrier is licensed under CC BY-SA 2.0. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/57519914@N00/3755124193>. Acesso em: 9 set. 2022.

SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1991.

SCHORSKE, C. E. **Viena fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TUDO que aprendemos juntos. Direção: Sérgio Machado. Produção: Caio Gullane, Fabiano Gullane, Debora Ivanov *et al.* [S. l.]: Gullane; Fox Film do Brasil Ltda., 2015. 1 DVD (102 min).

UMA NOTA só. Direção: Laís Bodanzky. Produção: André Canto. [S. l.]: Buriti Filmes; MUK; Festival Cine Favela de Cinema, 2012. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Buriti Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fAYKzxiwQg0>. Acesso em: 12 set. 2022.